



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

RENALLY ARRUDA MARTINS DE LIMA

**DIVINDADE, MISTICISMO E SEBASTIANISMO MESSIÂNICO EM *MENSAGEM*,
DE FERNANDO PESSOA**

CAMPINA GRANDE – PB
2016

RENALLY ARRUDA MARTINS DE LIMA

**DIVINDADE, MISTICISMO E SEBASTIANISMO MESSIÂNICO EM *MENSAGEM*,
DE FERNANDO PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa, Universidade Estadual da Paraíba – CAMPUS I (Campina Grande), como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva.

CAMPINA GRANDE – PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732d Lima, Renally Arruda Martins de
Divindade, misticismo e sebastianismo messiânico em
Mensagem, de Fernando Pessoa [manuscrito] / Renally Arruda
Martins de Lima. - 2016.
28 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva, Departamento
de Letras e Artes".

1. Literatura portuguesa. 2. Mensagem. 3. Sebastianismo
messiânico. I. Título.

21. ed. CDD P869


RENALLY ARRUDA MARTINS DE LIMA

**DIVINDADE, MISTICISMO E SEBASTIANISMO MESSIÂNICO EM MENSAGEM,
DE FERNANDO PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa, Universidade Estadual da Paraíba – CAMPUS I (Campina Grande), como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa.

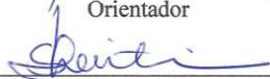
Trabalho aprovado em 19 de maio de 2016 Média: 9,5

BANCA EXAMINADORA



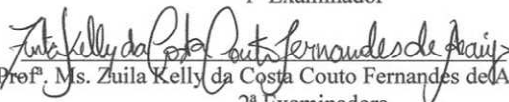
Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva (UEPB)
Orientador

Nota 9,5



Prof. Ms. Jonas Jefferson de Souza Leite (UEPB)
1º Examinador

Nota 9,5



Prof. Ms. Zula Kelly da Costa Couto Fernandes de Araújo (IFPB)
2ª Examinadora

Nota 9,5

CAMPINA GRANDE – PB
2016

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, luz e guia da minha vida. A minha família, fortaleza para todas as horas. E à Mirla Farias Pereira (In memoriam) por ser o sorriso que sempre iluminou meus dias enquanto compartilhamos os conhecimentos nas aulas da graduação. A ela, que embora já distante, deixa uma imensa saudade no meu coração por seu jeito puro e docemente marcante de ser.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a quem devo tudo, inclusive a inspiração e discernimento para escrever este trabalho, meu amparo que me consola nas horas difíceis da vida e a força que me auxilia a superar estes mesmos momentos.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e esforço em me oferecer uma boa educação, em especial à minha mãe, que sempre me apoiou nos momentos de desesperança e fadiga.

À minha filha, Alice Amelié, que mesmo inconscientemente, deu-me forças para não desistir do curso em um dos momentos mais difíceis de minha vida. Agradeço também, ao meu esposo, Neto Diniz, por me apoiar e me incentivar a nunca desistir dos meus propósitos, sempre mostrando em mim uma capacidade que por vezes eu não enxergava, além de estar sempre cuidando com muito carinho e paciência da nossa filha nos momentos em que necessitei me ausentar.

Às minhas irmãs, Rayane e Ana Maria, que também sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos da minha vida, me apoiando, cuidando da minha filha quando precisei estar ausente.

Às minhas tias, por sempre me incentivarem na busca do conhecimento, me ajudando financeiramente de forma gratuita a custear parte das minhas despesas acadêmicas.

Agradeço aos meus colegas de curso, por todo conhecimento compartilhado e por cada pequeno momento vivido. Em especial à Pâmella Nascimento, por ser uma grande amiga que sempre esteve e está ao meu lado em todos os momentos essenciais da minha vida, amiga com quem tive o prazer de conviver durante todo o curso.

Sou grata também, à minha grande amiga Zuila Kelly da Costa, por ser a pessoa mais nobre que tive o prazer de conhecer através do PIBID, projeto de iniciação à docência, promovido pela UEPB. A ela o meu imenso carinho e admiração.

A todos os professores que se propuseram a transferir o seu conhecimento, de forma a proporcionar a conclusão satisfatória do curso, bem como aqueles que, ainda na Educação Básica, plantaram em mim, a ânsia de lecionar, agradeço sinceramente. Em especial, cito Magliana Rodrigues da Silva, por me oportunizar desenvolver, através do projeto PIBID, a prática pedagógica tão necessária para ser um bom professor.

A Ricardo Soares da Silva, meu orientador, que sempre admirei por sua forma gentil, ética e sábia de tratar a todos que o circundam e de repassar conhecimentos através das disciplinas que ele ministra. Obrigada, pela paciência, compreensão e amizade, e, por ter, junto a mim, elaborado este trabalho.

Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como várias pessoas,
Quanto mais personalidades eu tiver,
Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,
Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,
Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento,
Estiver, sentir, viver, for,
Mais possuirei a existência total do universo,
Mais completo serei pelo espaço inteiro fora,
Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for,
Porque, seja ele quem for, com certeza que é Tudo,
E fora d'Ele há só Ele, e Tudo para Ele é pouco.

Álvaro de Campos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 MENSAGEM E O XAMÁ DO POETA.....	10
2.1 A análise crítico-literária à luz da Hermenêutica.....	10
2.2 Divindade e Misticismo em <i>Mensagem</i>	12
2.3 Sebastianismo messiânico de Pessoa em <i>Mensagem</i>	14
3 O ENTENDIMENTO DOS SÍMBOLOS ATRAVÉS DO ORÁCULO HERMENÊUTICO.....	17
3.1 Heróis lusitanos: I Parte – Brasão.....	18
3.2 Águas gloriosas: II Parte - Mar Portguez.....	21
3.3 A profecia do mito: III Parte - O Encoberto.....	23
4 DAS MENSAGENS EM <i>MENSAGEM</i>: CONSIDERAÇÕES E DESDOBRAMENTOS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

DIVINDADE, MISTICISMO E SEBASTIANISMO MESSIÂNICO EM *MENSAGEM*, DE FERNANDO PESSOA

LIMA, Renally Arruda Martins de¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar de maneira breve a obra de Fernando Pessoa ortônimo, com ênfase no livro *Mensagem*; destacando os aspectos relativos a Portugal, especialmente no que se refere ao caráter místico e divino de sua poética. A escolha do corpus levou em consideração a relevância desta obra para a história literária de Portugal, sendo inclusive comparada à epopeia clássica, *Os Lusíadas*, de Camões, que narra as conquistas e glórias do povo português. Para tanto, foram selecionados poemas que versam acerca da transcendência, da religião, do sentimento de identidade nacional e da estreita relação entre a obra de Pessoa e o Sebastianismo messiânico. O aporte teórico utilizado para construção de nossa pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, conta com a fortuna crítica de Nogueira (2003) abordando a questão do misticismo na obra de Pessoa; Costa (1987) no que diz respeito à metaforização de Deus na figura do poeta; e em se tratando dos princípios relativos à teoria e crítica literária, partimos dos pressupostos de Nunes (2009), Eagleton (2006) e Compagnon (1999). A hipótese inicial do trabalho é a de que a obra de Fernando Pessoa pode ser vista como uma materialização poética do espírito português. As análises apontam para o caráter poético/profético, assimilados pelo ofício de escritor que surge como porta-voz da divindade, o ser capaz de transmitir ao povo a mensagem de esperança da reconstrução do reino e da glória em Portugal.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Mensagem. Sebastianismo messiânico

1 INTRODUÇÃO

A Literatura Portuguesa é marcada por várias gerações e momentos que fizeram parte de sua história, entretanto, pode-se afirmar indubitavelmente que a geração modernista foi uma das mais marcantes. Compreende-se como o início do Modernismo português o final do séc. XIX, período marcado pela crise monárquica e o avanço republicano, além da crise econômica e político-social que assolava o país. É nesse clima de desagregação de valores que os portugueses se veem desacreditados de si mesmos e clamam por mudanças no cenário político, econômico e social, e, por isso, estão mais suscetíveis ao resgate do espírito nacionalista lusitano.

Assim, com a publicação da *Revista Orpheu*, em 1915, pelos autores *Mário de Sá Carneiro*, *Luís de Montalvor*, *Ronald de Carvalho* e *Fernando Pessoa*, depreende-se o marco inicial do Movimento Modernista em Portugal, dividido em três gerações – Primeira Geração, a da *Revista Orpheu* (1915-1927); Segunda Geração, a da *Revista Presença* (1927-1940) e

¹Graduanda em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade Estadual da Paraíba e professora na rede de ensino do Estado da Paraíba.

e-mail: renallyamlima@hotmail.com

a Terceira Geração, chamada Neorrealismo (1936-1950 aprox.) – entre as quais nos interessa apenas a primeira, geração da qual Fernando Pessoa participou, poeta que seria mais tarde considerado um dos maiores da Literatura Portuguesa de todos os tempos, um dos mais célebres poetas portugueses, sendo inclusive comparado ao aclamado escritor, também português, Luís de Camões, autor da epopeia *Os Lusíadas*, figurando a seu lado como os mais representativos poetas portugueses que melhor retrataram a História de Portugal. É válido destacar que Luís de Camões também é um autor importante pois, é através dele que observa-se o estabelecimento da Língua Portuguesa enquanto idioma nacional com suas instâncias modernas, já que ele rompe o arcaísmo linguístico no qual Portugal se encontrava até o momento.

Sobre o autor da obra *Mensagem*, objeto de pesquisa deste trabalho, Fernando Antônio Nogueira Pessoa, nascido em 13 de junho de 1888, na cidade de Lisboa (Portugal), ficou órfão de pai (Joaquim de Seabra Pessoa) aos 5 anos de idade, sendo levado por sua mãe (Maria Magdalena Pinheiro Nogueira Pessoa) e padrasto para morar na África do Sul, onde cursou o primário e secundário, chegando a ganhar o prêmio de redação em inglês. Aos 27 anos, retorna à Lisboa e matricula-se na faculdade de Letras, cursando filosofia por algum tempo. Em 1915, lidera o grupo que publica a *Revista Orpheu*, marco inicial do Modernismo em Portugal. Após o desaparecimento da Revista, Pessoa recolhe-se em uma vida solitária para se dedicar à criação de uma obra, poética e em prosa, que vai publicando aos poucos em outras revistas modernistas da época.

É em 1934 que Fernando Pessoa vem a se candidatar ao prêmio de poesia de Lisboa, com o livro *Mensagem*, alcançando apenas o segundo lugar. É em 30 de novembro de 1935, um ano após a publicação, e sua única obra publicada em português, estando ainda em vida, que Pessoa, corroído por uma cirrose hepática, falece na mesma cidade onde nasceu.

É notório que, a obra de Fernando Pessoa está além de uma compreensão superficial, unicamente intuitiva, seja por parte de leitores leigos seja pelos críticos literários. Ela é, decerto, um mergulho no universo de um autodenominado histeroneurastênico² que nos deixou uma herança literária extraordinária. Ele, que, ao longo de sua vida, criou vários heterônimos para exteriorizar seus pensamentos diversos, dizia: “Desejo ser um criador de

²A histero-neurastenia é, vulgarmente, a sobreposição de um estado geral neurastênico a um estado substancial histérico. Em muitos casos o estado neurastênico é adquirido ou sobrevivendo. Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/404>> Acesso em 20 de abril de 2016.
Percebe-se a patologização psicológica do comportamento como componente de autoanálise a autocrítica.

mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade” (PESSOA, 1966); certamente um de seus grandes feitos.

Partindo dessas informações, este trabalho propõe a leitura, através da análise crítica da obra *Mensagem* (1934), escrita por Pessoa ortônimo, na qual ele apresenta, por ele mesmo, as impressões de um saudosista místico, um sebastianista racional. Através de uma epopeia lírica na qual o poeta faz referência a personagens e fatos históricos, estes fatos e personagens heroicos revelam-se como sendo indícios de uma força maior, a força divina.

Em toda a obra, é perceptível que todos os feitos têm uma relação com o divino, e seu berço é, na maioria das vezes, o mar, também retratado com veemência, visto que *Mensagem* expressa um nacionalismo sebastianista e esotérico que faz parte da História de Portugal, assim como vemos em *Os Lusíadas*, em que o mar é o caminho para a realização das ações. Portugal se faz presente em todos os poemas de *Mensagem*, seja através de seus grandes nomes e conquistas, seja através dos mitos que o envolvem, sendo ela própria o motivo de a obra existir.

É nesse contexto que o presente estudo busca apresentar que a obra de Fernando Pessoa pode ser compreendida como uma materialização poética do espírito português. Assim, as análises apontam para o caráter poético/profético do fazer do escritor que surge como porta-voz da divindade, o ser que transmite a mensagem de esperança da reconstrução do reino e da glória em Portugal ao povo, através do mito sebastianista, enfatizando principalmente na terceira parte da obra.

A escolha do corpus a ser analisado durante a pesquisa fundamenta-se na relevância da obra *Mensagem* para a história literária de Portugal. Além disso, pretende-se, mais especificamente, discutir sobre o misticismo na obra de Pessoa; levantar aspectos relativos à metaforização de Deus na figura do poeta; e analisar poemas selecionados da obra *Mensagem* à luz da teoria e crítica literária no que se relaciona à hermenêutica. Para tanto, realizando uma pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico, busca-se percorrer de forma subsequente os seguintes tópicos: A análise crítico-literária à luz da Hermenêutica; Divindade e Misticismo em *Mensagem*; e o Sebastianismo messiânico de Pessoa Ortônimo em *Mensagem*. Ademais, na análise da obra que contemplará as três partes de maneira original: I Parte – Brasão, analisando a presença dos heróis lusitanos; II Parte – Mar Potuguez, a estreita relação com as águas gloriosas que são o caminho para a realização da expansão e unificação da Terra; e III Parte - O encoberto, apresentando a palavra poética como fundamento mítico e profético.

2 MENSAGEM E O XAMÁ DO POETA

2.1 A análise crítico-literária à luz da Hermenêutica

Desde os primórdios, a definição de Literatura é algo contestável e que não chega a uma única conclusão. Entretanto, é certo que é através dela que se exprimem os mais profundos pensamentos e sentimentos humanos.

Em seu livro *Teoria da Literatura* (2006), Eagleton apresenta a problemática da definição da Literatura como o ponto de partida para a interpretação literária. A Literatura é percebida ora como uma forma de escrever utilizando a linguagem figurada ora como um tipo de escrita altamente valorizada. Para tanto, tomemos a definição seguinte: “Literatura é a espécie de arte cujo *medium* é a linguagem” (NUNES, 2009, p.89). Através dela percebe-se que, para além de uma linguagem figurada, visto que essa pode ser utilizada também em textos não-literários, a Literatura pode ser entendida em sua totalidade como expressão de sentimentos e pensamentos, materializados pelo autor através da linguagem estilizada.

Posto isso, de forma a dar continuidade à explanação, destaca-se o que Eagleton (2006, p.24) assegura sobre a Literatura.

[...] a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros.

Em relação à análise literária à luz da hermenêutica, compreenda-se, inicialmente, a origem do termo. Hermenêutica vem do verbo grego "hermēneuein" e significa entre outras coisas “interpretar”. Esta palavra é derivada de Hermes, nome do deus da mitologia grega responsável por ser o mensageiro dos deuses, sendo considerado o tutor do conhecimento. Assim, seria a hermenêutica o método de análise relacionado à interpretação de mensagens. Seguindo esta linha de raciocínio, note-se o que diz Compagnon (1999, p.59) acerca da hermenêutica:

A hermenêutica, isto é, a arte de interpretar os textos, antiga disciplina auxiliar de teologia, aplicada até então aos textos sagrados, tornou-se, ao longo do século XIX, seguindo a trilha dos teólogos protestantes alemães do século XVIII, e graças ao

desenvolvimento da consciência histórica europeia, a ciência da interpretação de todos os textos e o próprio fundamento da filologia e dos estudos literários.

Ainda sobre a teoria da interpretação, denominada hermenêutica, explica Eagleton (2006) que há duas vertentes da hermenêutica a serem consideradas, a fenomenologia transcendental - defendida pelo filósofo alemão Edmund Husserl – e a fenomenologia hermenêutica, defendida por Martin Heidegger, também filósofo alemão, que antes de criar a fenomenologia hermenêutica, era seguidor de Husserl e sua fenomenologia transcendental. O rompimento entre esses pensadores ocorre pois Heidegger não pensava no significado como sendo resultado de um sujeito transcendental, visão de Husserl. Para ele, o que importava não era a linguagem, mas o que antecedia ela, a intenção por trás do que se escreve, ou seja, a intencionalidade do autor. Ele dizia, segundo Eagleton (2006, p.105), que “se não respeitarmos tal significado, não teremos nenhuma ‘norma’ de interpretação, e correremos o risco de abrir as comportas da anarquia crítica”.

Diferentemente de Husserl, Heidegger, ainda segundo Eagleton (2006, p. 99), apostava que: “o entendimento é radicalmente histórico”. Desse modo, ele defende a interpretação do texto a partir da conjuntura histórica, podendo o sentido dele ser modificado ao longo do tempo, de acordo com o momento em que se lê e se interpreta a obra.

Contudo, em se tratando da operacionalização da pesquisa, optou-se por adotar a afirmação de Compagnon (1999, p.64) no que concerne à interpretação das obras literárias:

Não somente o sentido do texto não se esgota com a intenção nem se lhe equivale – não pode ser reduzido ao sentido que tem para o autor e seus contemporâneos –, mas deve ainda incluir a história de sua crítica por todos os leitores de todas as idades, sua recepção passada, presente e futura.

Assim, compreende-se que, para realizar a análise literária é necessário observar não só o sentimento saudosista que rodeou Fernando Pessoa ao escrever *Mensagem* e sua intenção de intensificar no povo o sentimento de esperança e renovação espiritual para reconstrução e estabelecimento do Quinto Império, mas, sobretudo, perceber, a aceitabilidade da obra pelo povo português que vai ao encontro dos anseios propagados durante anos através do mito sebastianista e que é reforçado por Pessoa, de forma divina e mística como será discutido posteriormente.

2.2 Divindade e Misticismo em *Mensagem*

Baseada na teoria da comunicação – desenvolvida por Jakobson – é válida a constatação de que, na obra ortônima de Pessoa em questão, Deus é o emissor, o povo português são os receptores, a glória e o restabelecimento de Portugal são as mensagens, o canal é o poeta/eu-lírico, o referente é o Sebastianismo/Misticismo e o código é a Língua Portuguesa transformada em linguagem poética. É sobre esta linguagem poética que é pertinente explicar o que ressalta Nogueira (2003, p.31), em que diz:

Não há dúvida de que Fernando Pessoa associava o conceito de inspiração poética a uma revelação mais profunda, sendo portanto, a poesia, a magia que ele trazia ao mundo, como médium de forças superiores. [...] o poeta cumpre pela palavra uma missão iniciática: ser porta-voz das mensagens ditadas por uma consciência supra-humana.

É nesse sentido que nos poemas de *Mensagem*, Deus é colocado como a divindade responsável pelos grandes feitos e pelos grandes heróis de Portugal, tendo ele permitido que tudo acontecesse. É como se Ele fosse a mão que toca, que cria, que destrói e que faz ressurgir. Assim, a poesia torna-se intermediária entre o humano e o divino, sendo ela o meio que Deus encontra para “pronunciar seu verbo na alma do poeta. No poeta surge uma nova manifestação. A criatura é tão necessária a Deus como Deus à criatura” (COSTA, 1987, p. 77).

Para melhor compreender essa relação da divindade com o poeta, recorramos ainda ao diálogo *Íon* de Platão, em que o poeta é um ser inspirado pela divindade. “É no estado de possessão divina que o poeta compõe” (PLATÃO, 1988, p.16), não sendo pela arte que ele escreve, mas, sim, pela vontade divina, que visa expandir um sinal. Como destaca o próprio Platão (1988 p.51-52), em seu diálogo *Íon*:

Com efeito, o poeta é uma coisa leve, alada, sagrada, e não pode criar antes de sentir a inspiração, de estar fora de si e de perder o uso da razão. Enquanto não receber este dom divino, nenhum ser humano é capaz de fazer versos ou de proferir oráculos. Assim, não é pela arte que dizem tantas e belas coisas sobre os assuntos que tratam, como tu sobre Homero, mas por um privilégio divino.

No sentido literal da palavra, o autor Fernando Pessoa já traz no título da obra um ensaio daquilo a que se propõe: profetizar algo. A palavra mensagem, do latim *missaticum*, designa a comunicação importante transmitida por alguém que é considerado como portador de uma revelação. Logo, apreende-se que, ao escrever os 44 poemas de *Mensagem*, o

principal objetivo do autor foi transmitir uma mensagem das forças superiores aos que ansiavam por respostas ocultadas por causa da falta de esperança patente em tempos obscuros vividos por Portugal.

Sobre ser emissário da voz divina, é originalmente o próprio Pessoa (1972, p.128) que acentua isso em seu poema *Emissário de um rei desconhecido*, note:

Emissário de um rei desconhecido,
 Eu cumpro informes instruções de além,
 E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
 Soam-me a um outro e anômalo sentido...
 Inconscientemente me divido
 Entre mim e a missão que o meu ser tem,
 E a glória do meu Rei dá-me desdém
 Por este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.
 Minha missão será eu a esquecer,
 Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há ! Eu sinto-me altas tradições
 De antes de tempo e espaço e vida e ser...
 Já viram Deus as minhas sensações...

Como lê-se acima, é inegável a relação que o eu-lírico faz entre a sua obra e a missão de propagá-la, também visto como algo permitido e recebido de Deus como lê-se nos dois primeiros versos da primeira estrofe do poema, em que Pessoa se coloca como “emissário” de um rei e “propagador” de outra dimensão. Nota-se ainda que mesmo tendo dúvidas, em algum momento do poema, da existência divina, o eu-lírico não hesita em se contradizer, para então ressaltar a importância dos seus poemas como palavras que proferem a vontade divina. Acrescenta-se, por fim, o que Nogueira (2003, p.42) afirma quando diz que Pessoa “[...] se sentia empossado pelo sagrado de uma missão: transmitir o verbo, do que foi seu senhor ou anjo; como poeta, sentiu-se ligado diretamente ao céu, de onde tirava seu conhecimento e o poder de expressá-lo”.

Haja vista sua estreita relação com a filosofia, o autor português assume o caráter místico do poeta que Platão trata no *Íon*, baseada no fato de que a criação de heterônimos e personagens ultrapassa na escrita do autor maneiras diferentes de ver a arte. Através deles, para além do signo convencional, Pessoa mostra novas formas de buscar a verdade poética.

Nesse sentido, o poeta transcende os limites humanos, apoderando-se de atribuições sobrenaturais, que lhe foram conferidas por Deus. “Ele, o poeta, é não encarnação, mas revelação de Deus; e não o autor da poesia, mas só o receptor, transmissor” (COSTA, 1987, p.77). É notável que o poeta de *Mensagem*, apesar de estar possuído por um plano divino,

utiliza a técnica poética, que também lhe é uma dádiva, em que através do jogo de palavras e da utilização de símbolos, heróis e conquistas portuguesas, são narrados de forma alegórica de modo a exaltar o valor de Portugal, merecedor do Quinto Império.

Assim, partindo para o plano maravilhoso, Fernando Pessoa retrata em sua obra *Mensagem* a vinda do Encoberto - denominação da terceira parte do livro - como um mito que transcende a imaginação e é descrito de forma a representar a história de D. Sebastião, tido como o rei prometido e restaurador da glória portuguesa, história que é reforçada com o nascimento e propagação do mito sebastianista após o desaparecimento do rei na Cruzada de 1578. A relevância temática e simbólica deste mito é ponto fundamental para compreensão da obra *Mensagem* e de sua expressividade no contexto literário português. Partindo desta constatação, o próximo tópico discute o aspecto da ressignificação mítica empreendida na obra *Mensagem*.

2.3 Sebastianismo messiânico de Pessoa em *Mensagem*

Cognominado o Desejado, o Encoberto, o Adormecido, D. Sebastião I foi o décimo sexto rei de Portugal. Nascido em 20 de janeiro de 1554, poucos dias depois do falecimento de seu pai, o príncipe D. João, sua história compara-se ao mito do Messias, que voltaria para conceder a salvação à humanidade. D. Sebastião foi um rei esperado para dar continuidade à Dinastia de Avis, para salvar a nação portuguesa, tanto que aos 3 anos de idade já fora aclamado rei de Portugal, mesmo tendo assumido apenas 11 anos depois, interstício em que Portugal passou por um período regencial. Até seu nascimento, foi anunciado a todo o reino e foi motivo de grande celebração e presentes recebidos, assim como foi o nascimento de Cristo, como mostra a passagem bíblica do Evangelho Segundo Lucas 2:15-18 (BÍBLIA SAGRADA, 1991, p. 1312):

E aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros: Vamos, pois, até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fez saber. E foram apressadamente, e acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura. E, vendo-o, divulgaram a palavra que acerca do menino lhes fora dita; E todos os que a ouviram se maravilharam do que os pastores lhes diziam.

Como nota-se acima, na passagem em que Lucas narra os momentos principais do nascimento de Jesus, há uma louvação tanto por parte de quem o viu quanto por parte de

quem ouvira falar da boa nova. Assim também, pode-se observar essa louvação no que fala Hermann (1998, p. 17) sobre o nascimento de D. Sebastião:

[...] quando nasceu d. Sebastião, as ruas de Lisboa se encheram de louvações e agradecimentos a Deus pelo envio de um herdeiro para o reino. [...] os portugueses procuravam demonstrar aos céus sua infinita gratidão pela chegada daquele que, mais uma vez, reafirmaria a soberania de Portugal frente à Castela, ancestral postulante a direitos sucessórios da monarquia lusitana.

O mito de que D. Sebastião fora o rei prometido concretizou-se quando ele assumiu o trono, aos 14 anos. A partir disso, ele iniciou um plano de guerra contra os mouros³. Dando sequência, foi através desse plano que o então rei, partiu juntamente com seu exército, para uma cruzada, em 1578, a Batalha Alcacér-Quibir, na qual o seu exército fora derrotado e ele desapareceu misteriosamente sem que jamais encontrassem seu corpo, fazendo com que Portugal mergulhasse numa crise política. Assim, “o sebastianismo ganhou força e difusas formas neste ambiente de desilusão e ao mesmo tempo, esperança no possível retorno do monarca que desaparecera misteriosamente na Batalha de Alcacér Quibir” (CATARIN, 2005, s/p).

Dessa maneira, após o episódio da morte e desaparecimento de D. Sebastião, desencadeou-se por volta do séc. XVI um período profético em Portugal, quando inicialmente, de forma oral, as pessoas passavam umas para as outras a profecia messiânica de que o rei D. Sebastião não havia morrido, mas estava escondido, encoberto para, posteriormente, voltar a Portugal, para reconstrução do reino que seria reerguido com o nascimento do Quinto Império. Diz-se que na concepção de Fernando Pessoa o primeiro Império seria Grego, o segundo o Império Romano, o terceiro o Cristianismo e o quarto a Europa.

Entretanto, é válido destacar a divisão de Antônio Vieira (s/a, p. 162-163) para os cinco impérios:

O primeiro império do mundo, que foi o dos assírios, e dominou toda a Ásia, também foi o mais oriental: dali passou aos persas, mais ocidentais que os assírios, dali aos gregos, mais ocidentais que os persas, dali aos romanos, mais ocidentais que os gregos; e como já tem passado pelos romanos, e vai levando seu curso para o ocidente, havendo de ser como é de fé, o último império, aonde pode ir parar, senão na gente mais ocidental de todas, que são os portugueses?

³ Mouros, mauritanos, mauros ou sarracenos são considerados, originalmente, os povos oriundos do Norte da África, praticantes do Islão, nomeadamente Marrocos, Argélia, Mauritânia e Saara Ocidental, invasores da região da Península Ibérica, Sicília, Malta e parte de França, durante a Idade Média. Fonte: FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 165.

Tendo a visão de que os portugueses são o Quinto Império, Antônio Vieira, em seu texto *De profecia e inquisição*, defende a profecia proclamada por Bandarra – sapateiro de origem humilde que foi o precursor da profecia do mito sebastianista através de trovas messiânicas - de que o rei de Portugal voltará para reinar e fazer reinar a nação portuguesa. É usando, inclusive, muitos de seus versos, que Antônio Vieira apresenta provas retóricas de que o mito do Encoberto tem veracidade.

Em um de seus discursos, Vieira defende com oito fundamentos a vinda de D. Sebastião, valendo ressaltar o que é colocado no *Oitavo fundamento das tradições dos mesmos maometanos*, mais especificamente quando ele discorre acerca dos sinais relacionados a D. Sebastião ser o já denominado Encoberto. Destes sinais, destacamos a título de revisão bibliográfica da matéria Vieira (1998, p. 171): “O nono sinal é, que, segundo a Sibila Eritréia, em o canto 14, Rosacelsa, e outros alegados, há de ser vencido este rei, e disto é testemunha o campo de Alcacerquibir, em que foi derrotado por mistério divino, este santo monarca lusitano”.

Ainda sobre a questão do Sebastianismo messiânico e o papel de Vieira para a sua propagação, é considerável aludir que “Vieira operara uma substituição tática, pois o Encoberto era para os primeiros crentes do Bandarra ninguém menos que D. Sebastião, o jovem rei que desaparecera nos areais de Alcácer-Quibir” (BOSI, 1998, p. 14)). Para entender essa substituição declara-se, aqui, que, diferentemente da crença sebastianista propagada por Bandarra, Padre Antônio Vieira relaciona o mito do Encoberto ao rei D. João IV, visto que em suas trovas, Bandarra diz que o rei messiânico não seria filho de rei ou rainha, como também D. João IV não o foi.

Contudo, para sanar questionamentos acerca do direcionamento do mito do encoberto, compreende-se que o Encoberto é, de toda forma, relacionado ao rei de Portugal, e, ambos, D. Sebastião e D. João IV, são sementes do Rei Fernando, o Católico, el-Rei. É como o próprio Vieira (1998, p. 89). explana: “[...] e ainda que estas profecias se verifiquem em um rei em particular, e em outro, sempre se verificam no rei de Portugal”; e é por isto que em seu sermão Vieira faz uma relação do mito do Encoberto ora direcionando-o a D. Sebastião ora direcionando-o a D. João IV, já que os dois foram reis da nação portuguesa.

3 O ENTENDIMENTO DO SÍMBOLOS ATRAVÉS DO ORÁCULO HERMENÊUTICO

Primeiramente, antes da análise dos poemas selecionados de Fernando Pessoa para constatação da hipótese levantada nesta pesquisa, é relevante apresentar as características que compõem a obra *Mensagem*.

A obra *Mensagem* teve seu primeiro poema escrito em 1913, chamado *Gládio*, que mais tarde viria a se chamar *D. Fernando, Infante de Portugal*. Até 1934, ano de publicação da compilação dos poemas saudosistas que originaram a obra, o autor escreve os poemas de forma aleatória e propositalmente com um léxico arcaizante, fazendo, possivelmente, referência à época das glórias e aos heroicos personagens portugueses retratados.

É certo que, desde cedo, Pessoa já deixava transparecer o seu patriotismo, através de declarações, muitas vezes repetidas, do desejo de intervir, por meio da Literatura, na humanidade, e, por conseguinte em Portugal.

Os 44 poemas que compõem *Mensagem* foram divididos em três partes, de acordo com o momento ao qual se referem e com a temática que eles enfatizam. Assim, compreende-se: Primeira parte – “O Brasão”, em que se apresenta a fundação da nacionalidade, através de poemas que referenciam fundadores e heróis lendários e históricos de Portugal, que são responsáveis por grandes feitos; Segunda parte – “Mar Portuguez”, no qual o autor retrata o apogeu dos feitos marítimos de Portugal, da realização da pátria através da conquista dos mares; e a Terceira parte – “O Encoberto”, em que Pessoa retrata a morte de Portugal a partir da decadência do Império, trazendo, entretanto, a esperança do renascimento português partindo da afirmação da crença e do mito sebastianista, que se converte em profecia na voz do poeta.

Note-se que na primeira e terceira parte do livro, Pessoa ainda divide-os em três, deixando a segunda parte sem divisão como forma, possivelmente, de revelar a forma natural de como ocorre a expansão portuguesa, através das águas, isto é, das grandes navegações que viajam o mundo em busca de riquezas e novas terras.

Inicialmente, a obra fora intitulada *Portugal*, porém, em sua fase final, o título foi substituído por *Mensagem*, título este justificado por Mourão, num fragmento de *Sobre Portugal* (1978), no qual se afirma que *Mensagem* seria o nome mais certo, estabelecendo

uma relação com a própria epígrafe, que traduzida, diz: “Bendito seja Deus Nosso Senhor por nos ter dado o sinal”, sinal este que se materializa na obra.

Contudo, evidencia-se que *Mensagem* foi a única obra publicada em português com o poeta Fernando Pessoa ainda vivo, em 1934, um ano antes de sua morte. Este também foi o ano de restauração da independência portuguesa. O livro integra-se na corrente modernista, transmitindo uma visão épico-lírica do destino português, salientando nos poemas a Divindade como ser que emite a mensagem através do próprio poeta, o Sebastianismo messiânico e o V Império.

3.1 Heróis lusitanos: I Parte – Brasão

A divisão do livro em três partes, sendo a primeira o Brasão, pode se basear tanto na tradição Cabalística, em que três é o número que representa a transmutação e unidades de dois extremos, em que o espiritual é o senhor do físico, sobrepondo a mente da matéria; e na tradição Cristã, na qual tem-se, através da Bíblia, a afirmação de que três é o número que representa a trindade santa (Pai, Filho e Espírito santo), sendo três também o número de dias, ainda segundo a Bíblia, que antecedeu a ressurreição de Jesus Cristo.

Note-se também que nomeada de “Brasão”, a primeira parte faz referência aos nobres feitos portugueses e seus personagens heróicos. Ela é dividida tal como é o Brasão de Portugal, em dois Campos, o dos Castelos e o Das quinas, sendo sete os castelos e cinco as quinas, tendo ainda a coroa acima, atrelada ao grifo, animal com cabeça de leão e corpo de água, assim explicado pela mitologia.

Ademais, como forma de constatar o caráter divino na obra de Pessoa, toma-se, inicialmente, como ilustração para análise o poema *Ulisses*. Criador de mitos declarado, Fernando Pessoa apresenta o retrato do herói mitológico que, segundo a história, foi o fundador de Olissipo, mais tarde Lisboa. Em *Ulisses*, o eu-lírico insere o arquétipo do herói que utilizará em toda a obra *Mensagem*. “Os heróis que povoam cada parte do poema são caracterizados por um traço fundamental: o desejo de fugir ao conformismo” (PRIETO, 1995, p. 193). Veja:

O mytho é o nada que é tudo.
 O mesmo sol que abre os céus
 É um mytho brilhante e mudo —
 - O corpo morto de Deus,
 Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
 Foi por não ser existindo.
 Sem existir nos bastou.
 Por não ter vindo foi vindo
 E nos criou.

Assim a lenda se escorre
 A entrar na realidade,
 E a fecundá-la decorre.
 Em baixo, a vida, metade,
 De nada, morre.
 (PESSOA, 2007, p. 72)

No poema, percebe-se o jogo figurativo através da utilização da antítese, figura de linguagem que aproxima ideias opostas, para uma melhor transmissão e com ênfase na mensagem a ser passada. Em “o mito **é o nada que é tudo**”, vê-se uma referência ao próprio Ulisses, da mitologia grega, que após a guerra de Troia, teria, segundo a história, ancorado em Lisboa, fundando a Olissippona, hoje Lisboa. Nessa primeira estrofe, o mito é colocado como “o nada” pois não há comprovação da sua existência, entretanto, “é tudo”, visto que a ele se apegam e devotam crença os portugueses. Observa-se ainda estes versos ancorados na fé quando o poeta faz referência a Deus, quando escreve: “O corpo morto de Deus, Vivo e desnudo”, e ainda em “O mesmo sol que abre os céus”, lembrando a ressurreição de Jesus Cristo que ocorre ao amanhecer. Sabe-se que também a existência de Deus não é comprovada, mas aos que acreditam e possuem fé, a existência do Criador é verídica.

De forma análoga, compreende-se que a segunda e a terceira estrofes do poema também trazem a mesma concepção da credibilidade que o eu-lírico tem sobre a existência do mito que seria, então, o início de tudo, responsável pelas origens de Portugal, sendo, portanto, o seu primeiro *Castelo* (reportando-se à subdivisão feita por Fernando Pessoa na primeira parte de *Mensagem*), que representa o primeiro pilar para a construção da história gloriosa de Portugal.

Sobre a concepção de mito, empenha-se o que assegura Patai (1974, p. 13):

Mito é um instrumento religioso tradicional que opera validando leis, costumes, ritos, instituições e crenças, ou explicando situações socioculturais ou fenômenos naturais, e que assumem a forma de histórias, que se acreditam verdadeiras, acerca de seres divinos e heróis.

Seguindo a linha de pensamento de Patai (1974), entende-se que a razão do “sucesso cultural” do mito se deva ao fato dele influenciar o presente, mesmo em face de seu distanciamento histórico. Ele afirma ainda ser a crença, primordial à aceitação do mito, sendo, para quem acredita no objeto da crença, a própria realidade, transcendendo a proposta mitológica.

Acerca da exaltação do plano divino sobre a ação humana, perspectiva consagrada nos poemas de *Mensagem*, considera-se o poema D. Fernando Infante de Portugal:

Deu-me Deus o seu gládio, porque eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,
Às horas em que um frio vento passa
Por sobre a fria terra.

Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me
A fronte com o olhar;
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer grandeza são seu nome
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gládio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma.
(PESSOA, 2007, p. 74-75)

Já no início do poema, Pessoa traz o signo do gládio, espada de dois gumes que simboliza o poder que Deus deposita no herói, para que ele cumpra seu destino como Infante, referindo-se a uma santa guerra, não como uma batalha sangrenta, mas à missão de mudança no Império, visto que o poema fala de D. Fernando, Infante que morrerá no cativo em Fez (cidade do centro-norte de Marrocos), assumindo o sacrifício em prol de interesses nacionais. Sobre os últimos versos da primeira estrofe, pode-se compreender que o autor faz referência ao período de crise vivido por Portugal, pois que a morte de D. Fernando ocorrera devido ao insucesso na batalha contra os mulçumanos em Tânger, liderada por ele e D. Henrique.

Na última estrofe, pode-se constatar a fala de D. Fernando, que, assumindo o sacrifício pela sua pátria, vê-se no fim de sua missão, mas não se abate por ter sido este um fim trágico, em tudo o que fala revela-se “cheio de Deus”, com uma face calma, conferindo a si mesmo o papel de obreiro da missão divina a ele confiada, quando diz que: “[...] venha o que vier, nunca será maior do que a minha alma” (PESSOA, 1998 p.34).

3.2 Águas gloriosas: II Parte - Mar Portuguez

Em sua segunda parte, *Mensagem* traz, como o próprio título já apresenta, as conquistas portuguesas através do mar, sendo ele o meio pelo qual tudo se inicia e tudo acaba, visto que a conquista marítima por si só não dá a Portugal força suficiente para progredir e expandir seu domínio em terra.

Na obra pessoana *Mensagem*, é notório que o autor, embora afirme estar alegoricamente tomado pelo plano divino, utiliza a técnica poética, que também lhe é conferida através de uma dádiva, pela qual, através do jogo lexical - extremamente simbolista, do ponto de vista figurativo da linguagem – heróis e conquistas são narrados de modo a exaltar o valor de Portugal. Em *O Infante*, primeiro poema da segunda parte de *Mensagem*, encontramos

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te portuguez..
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!
(PESSOA, 2007, p. 78)

Na primeira estrofe já se mostra evidente que a figura do Infante pode ser representada por D. Henrique, muito importante na era das descobertas, que comandou grandes navegações. Ele é colocado como personagem da vontade divina, “Deus quer”, ou seja, tudo é feito segundo Sua vontade, assim “a obra nasce”, isto é, nasce o Infante (criança, menino), que representa de certa forma o início das conquistas das grandes navegações portuguesas que viajaram o mundo, em conformidade com os versos de Pessoa: “E viu-se a terra inteira, de repente, surgir, redonda, do azul profundo” (PESSOA, 2007, p.78). Dessa forma, pode-se observar que a segunda estrofe representa o desenvolvimento da “obra que nasce”, isto é, a realização da expansão de Portugal ao redor do mundo através dos mares.

Na última estrofe do poema, vê-se o autor ratificando que Deus fez cumprir a conquista dos mares, mas que, mesmo assim, o Império se desfez. E, por fim, como em tom de clamor, ele pede que se cumpra Portugal. Desse modo, observamos que, usando um tom apelativo, o eu-lírico reporta-se a Deus como quem dialoga com forças sobrenaturais, conferindo assim, ao poema, um caráter divino, em que Deus é responsável por permitir que ele verse de tal forma, que a todo momento, em poemas de todas as partes do livro, o eu-lírico faça menção à divindade como autor de tudo e de todos.

Em se tratando das grandes navegações portuguesas, põe-se em evidência outro poema da segunda parte de *Mensagem*, denominado Occidente:

Com duas mãos — o Ato e o Destino —
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o fecho trêmulo e divino
E a outra afasta o véu.

Fosse a hora que haver ou a que havia
A mão que ao Ocidente o véu rasgou,
Foi a alma a Ciência e corpo a Ousadia
Da mão que desvendou.

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal
A mão que ergueu o facho que luziu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que o conduziu.
(PESSOA, 2007, p. 80)

Neste poema, verifica-se que não resta nada mais triunfante e propício para Portugal, em tempos de crise, do que descobrir, seja por força do acaso ou por força da vontade divina, uma nova terra para explorar. É assim, que, como o próprio nome do poema revela – *Occidente* – as grandes navegações portuguesas que viajavam frequentemente para a costa africana, buscando recursos como minerais, vegetais e outras riquezas, encontra no Ocidente (no outro lado do hemisfério, já que eles concentravam mais as viagens no Oriente) uma nova fonte de exploração. E é no Brasil que, possivelmente, pode-se verificar essa nova fonte de exploração visto que como é colocado no poema “acaso, Vontade ou temporal”, é viável referenciar o Brasil como a terra descoberta já que foi devido a um temporal que as navegações portuguesas chegaram ao Brasil, como conta a História. Assim, o poema faz, de todo, uma narração épico-lírica ao mesmo tempo, visto que assim como a primeira narra uma sucessão de eventos extraordinários – o descobrimento do Brasil, a exploração do Brasil, a chegada da Coroa Portuguesa ao Brasil, etc. – eventos descritos de forma sistemática como nos versos líricos.

O eu-lírico coloca como responsáveis pela descoberta do Brasil duas mãos, o “Ato” e o “Destino”. O “Ato” representa a iniciativa dos portugueses em navegar por águas conhecidas e desconhecidas em razão da necessidade de buscar recursos não encontrados em suas terras. Já o “Destino” seria, como se espera e constata-se em toda a obra, a vontade divina que os direciona e “afasta o véu”, fazendo com que eles “enxerguem” no Ocidente o Brasil, sendo Deus considerado “a alma” e Portugal “o corpo” que “ergueu o facho que luziu”. É válido ainda destacar que, mesmo o eu-lírico colocando três possibilidades – o Acaso, a Vontade ou o Temporal – para a descoberta das terras brasileiras, é nítida a percepção de que é na segunda possibilidade que está centrada a escolha do eu-lírico, que é o mensageiro de Deus.

É na perspectiva, então, de que Deus é o emissário das *mensagens* de Pessoa, que vemos também nele autoria de todas as coisas e do surgimento de todos os heróis portugueses, sendo esse um dos propósitos a que se dispõe Fernando Pessoa, exaltar além de Portugal, a figura divina, como protagonista das ações gloriosas da nação lusitana, análogo ao pensamento de Marquez (1973, p. 115), confirma-se que: “[...] em **Mensagem** a dinâmica da conquista do mar é dirigida não só pela inteligência do homem como também pela vontade de Deus”. Dessa forma, é compreensível perceber ainda que até mesmo a criação, consolidação e credibilidade do mito de D. Sebastião só se faz possível pela vontade de Deus que permite que tudo aconteça com o provável propósito de intensificar nos portugueses o “D. Sebastião” que todos deveriam ser nesse momento de crise econômica, política e social e desagregação de valores.

3.3 A profecia do mito: III Parte - O Encoberto

Sendo esta também a denominação dada a D. Sebastião, *o Encoberto*, terceira parte da obra *Mensagem*, é voltada à temática do mito sebastianista, que fora tratado na fundamentação teórica deste trabalho. Fala, dividida em três partes – Os Symbolos, Os Avisos e Os Tempos – de momentos que estruturam o mito. Primeiro, o seu nascimento e toda a história de que D. Sebastião seria o Rei prometido que fundaria o Quinto Império. O segundo seria a propagação do mito que nascera logo após o desaparecimento de D. Sebastião, após a batalha de 1578. E, por fim, o terceiro seria a decadência de Portugal, dada a não ressurreição do mito e perda das forças dos portugueses frente às sucessivas crises político-econômicas “pós-D. Sebastião”.

Contudo, tome-se como objeto de análise o poema O Bandarra:

Sonhava, anônimo e disperso,
 O Império por Deus mesmo visto,
 Confuso como o Universo
 E plebeu como Jesus Cristo.

Não foi nem santo nem herói,
 Mas Deus sagrou com Seu sinal
 Este, cujo coração foi Não português,
 mas Portugal.
 (PESSOA, 2007, p. 86)

No poema, Fernando Pessoa faz alusão a Bandarra, sapateiro de origem humilde, que escreveu trovas, sendo o primeiro a anunciar o regresso de D. Sebastião. Ele, Bandarra, que “sonhava, anônimo e disperso”, vivia “Confuso como o Universo”, já que não tinha certeza daquilo que estava a ver: a profecia de Deus se cumprindo. O sapateiro é colocado pelo eu-lírico português como aquele que “Deus sagrou com Seu sinal”, tendo sido ele o precursor da profecia sebastianista, tomado por um espírito que o torna tão ligado a Portugal, como é seu coração ligado ao corpo. Assim, mesmo não sendo ele “nem santo nem herói”, vê-se sua importância para Portugal ante o momento de desagregação de valores vividos pelo povo lusitano. Bandarra representa não “um português”, mas Portugal, no sentido de que o mito propagado por ele, representa o símbolo do espírito glorioso que precisa ser intensificado em cada português para o restabelecimento da nação.

Desse modo, o mito do Sebastianismo não seria uma profecia a se cumprir literalmente, mas funcionaria como símbolo a impulsionar o povo português a ressurgir como nação de forma grandiosa.

Percebe-se ainda que a disposição *dos Avisos* é feita de modo a colocar de forma cronológica os ícones que propagam o Sebastianismo messiânico a Portugal, tendo como segundo poema o título de *Antônio Vieira*, sendo o terceiro sem nome, por se tratar, acredita-se, na figura do próprio Fernando Pessoa, que também se vê como profeta da mensagem de Deus aos portugueses. No terceiro poema, Pessoa clama a Deus, em uma prece a D. Sebastião, cognominado o Encoberto, por quem anseia a volta do filho prometido, salvador da pátria lusitana.

Para finalizar, é justo colocar aqui o último poema de *Mensagem*, denominado Nevoeiro:

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
 Define com perfil e ser
 Este fulgor baço da terra
 Que é Portugal a entristecer —
 Brilho sem luz e sem arder, Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
 Ninguém conhece que alma tem,
 Nem o que é mal nem o que é bem.
 (Que ânsia distante perto chora?)
 Tudo é incerto e derradeiro.
 Tudo é disperso, nada é inteiro.
 Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!
 (PESSOA, 2007, p. 89)

É no poema acima que podemos ver Pessoa exaltando o Quinto Império, o Império que poderia vir a ser. Na primeira estrofe do poema, vê-se consagrado o sentimento dos portugueses, reféns de uma época obscurantista de Portugal, a ditadura, que se inicia em 1928, mesmo ano de produção do poema. Nele, observamos ainda, a insatisfação portuguesa ante a instabilidade político-econômica vivida durante esse período, no qual os lusitanos se veem sem Rei, nem lei, “Brilho sem luz e sem arder”.

Vê-se também, no poema, a tentativa de resgate do espírito guerreiro português, como observado no último verso em que diz: “É a hora”, sendo este o impulso para a reconstrução de Portugal como quem renasce das cinzas que diante de tudo – vitória ou derrota – se mostra de pé, em contraposição ao momento de nevoeiro que é, para além da ditadura, o momento de descrença lusitana na restauração do país e de sua gloriosa história.

4 DAS MENSAGENS EM MENSAGEM: CONSIDERAÇÕES E DESDOBRAMENTOS

Em se tratando da hermenêutica, viés interpretativo escolhido para análise de todo o corpus, conclui-se como cumprido o seu propósito de forma coerente e esclarecedora, tendo em vista as citações e referências provadas a partir da História de Portugal.

Mediante a abordagem sucedida nesta pesquisa acerca da divindade e misticismo, compreende-se que *Mensagem*, de Fernando Pessoa, é uma obra poético-profética, com traços extremamente ufanistas. O poeta é instrumento pelo qual o divino entra em contato para transmitir o sinal a seu povo, a profecia. Ao analisar poemas selecionados da obra, é visível que o plano divino está intrinsecamente presente através da simbologia poética que o autor cria sendo também ele próprio o responsável pela criação daquilo que o poeta escreve. Nota-se ainda que o Sebastianismo messiânico em *Mensagem*, apesar de racional, não se afasta do caráter místico que envolve toda a obra. Ela é, por si, a materialização em versos do espírito

português e todas as suas glórias e heróis lendários, dividida de forma tão brilhante, quanto o é toda a produção literária de Fernando Pessoa, a qual poucos se pode comparar.

No mais, depreende-se que a obra ortônima de Pessoa é para além de uma epopeia-lírica, uma mensagem de profecia direcionada aos portugueses, que anseiam a volta de D. Sebastião para reconstrução da força lusitana, na qual ele assume a postura do poeta retratado no *Íon* de Platão. Assim, o estudo realizado constitui-se como uma análise de relevância para a compreensão do poeta enquanto entidade possuída por Deus, bem como para a retratação da História de Portugal, desdobrada ao longo da análise de dados.

Por fim, em se tratando do desdobramento da utopia do Quinto Império e a obra de Fernando Pessoa, bem como a comparação da obra *Mensagem* com a obra *Os Lusíadas*, além da problemática da epopeia clássica *versus* a epopeia moderna (adotada por Pessoa) e da epistemologia da hermenêutica que surge como princípio interpretativo de textos sagrados (princípio que pode vir a ser aplicado à *Mensagem*), depreende-se que tais pesquisas podem e devem ser realizadas em momentos posteriores, sendo inclusive cogitadas como direcionamento para projetos de pesquisa para a Pós-graduação.

ABSTRACT

This article aims to present briefly the work of Fernando Pessoa orthonymous, with emphasis on the Message book; highlighting the aspects of Portugal, especially in regard to the mystical and divine character of his poetic. The choice of the corpus took into account the relevance of this work to the history of the literature of Portugal, and even compared to the classical epic, The Luziads, Camoens, which narrate the achievements and glories of the Portuguese people. Therefore, poems were selected that traverse about transcendence, religion, national identity and the close relationship between the work of Pessoa and the messianic Sebastianism. The theoretical approach to building this research, qualitative and bibliographic, counts with the critical fortune of Nogueira (2003) addressing the question of mysticism in the work of Pessoa; Costa (1987) with regard to metaphORIZATION of God in the figure of the poet; and in the case of the principles relating to the literary theory and criticism, we start with the Nunes assumptions (2009), Eagleton (2006) and Compagnon (1999). The initial hypothesis of this work is that the composition of Fernando Pessoa can be seen as a poetic embodiment of the Portuguese spirit. The analysis points to the poetic / prophetic character, assimilated by the craft of the author which emerges as spokesman of divinity, being able to convey to the people the message of hope of rebuilding the kingdom and glory in Portugal.

Keywords: Portuguese Literature. Sebastianism messianic. Message.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **BÍBLIA SAGRADA**: Edição Pastoral. ed. 66. Paulus, 1991. p. 1650.

BOSI, Alfredo. Vieira e o reino deste mundo. IN: VIEIRA, Antônio. **De profecia e Inquisição**. Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicação: Brasília, 1998.

CATARIN, Cristiano. **Sebastianismo e a “salvação” de Portugal**. 2005. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=721>>. Acesso em 20 abr. 2016.

COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria**: Literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p.59-64.

COSTA, Dalila L. Pereira Da. **O Esoterismo de Fernando Pessoa**. 3 ed. Porto: Lello & Irmão Editores, 1987.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: Uma introdução. 6 ed. São Paulo: Martins Pontes, 2006.

HERMANN, Jacqueline. **No reino do Desejado**: A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARQUEZ, Margarida Pereira. A presença do mar em Fernando Pessoa e nos seus heterônimos. IN: BECHARA, Evanildo (direção). **Littera: Revista para professor de Português e de Literatura Portuguesa**. Ano III. Rio de Janeiro: 1973, p. 110-117.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura portuguesa**. 31 ed. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 240-246.

NOGUEIRA, Lucila. **A lenda de Fernando Pessoa**. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 2003.

NUNES, Benedito. **A clave do poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 85-131.

PATAI, Raphael. **O mito e o homem moderno**. São Paulo: Cultriz, 1974. p. 13-40.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**: volume único. Galhoz, Maria Aliete (organização e introdução). 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

_____ **Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação**. Lisboa: Ática, 1966. - 100.

_____ **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1972. p. 128.

_____ MORÃO, Maria P.; ROCHETA, Maria I. & SERRÃO, Joel. **Sobre Portugal: Introdução ao problema nacional**, Lisboa: Ática, 1978.

_____ **Vou explicar-lhe a maneira de composição das figuras...** s/a Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/404>> Acesso em 21 abr. 2016.

PLATÃO. **Íon**. Lisboa: Editorial Inquérito, 1988.

PRIETO, Sônia. **Mensagem e os Lusíadas**: Convergências e divergências. Revista Estudos portugueses. nº 5. Recife: UFPE, 1995.

VIEIRA, Antônio. **De profecia e Inquisição**. Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicação: Brasília, 1998.